

**Africanos e crioulos no âmbito de uma economia em expansão.
Rio de Janeiro. 1870 – 1900.**

Lucimar Felisberto dos Santos*

RESUMO: Este texto tem por objetivo apresentar as propostas da tese de doutoramento que pretendo desenvolver na UFBA, sob o seguinte título: “A negação da Herança social – africanos e crioulos no âmbito de uma economia em expansão”. Tal proposta tem como fim último problematizar a participação de africanos e crioulos – escravos, livres e libertos – na economia urbana de Rio de Janeiro nas últimas décadas do Século XIX. Proponho investigar o sentido da integração deste grupo, herdeiro da experiência social da escravidão, no mercado de trabalho livre e assalariado em conformação no período. Percebendo, assim, as mudanças estruturais que ocorreram na sociedade brasileira em decorrência das novas orientações sociais, econômicas e culturais que contribuíram por determinar o lugar social que caberia aos negros no interior das classes trabalhadoras carioca.

Palavras chaves: Escravidão; Abolição; e Mercado de trabalho

ABSTRACT: This text aims to present the proposals from the doctoral thesis that I want to develop in UFBA, under the following title: "The denial of social heritage - African and Creole as part of a growing economy." This proposal has the ultimate question the participation of African and Creole - slaves, free and freed - the urban economy of Rio de Janeiro in the last decades of the nineteenth century. Propose to investigate the integration of this group, heir to the social experience of slavery, free labor market and employee in conformation in the period. Realizing, therefore, structural changes that occurred in Brazilian society as a result of the new social, economic and cultural that helped to determine the social place that fit within the black working class of Rio.

Keywords: Slavery, Abolition, and labor market

O presente trabalho tem como fim último problematizar a participação de africanos e crioulos – escravos, livres e libertos – na economia urbana de Rio de Janeiro nas três últimas décadas do Século XIX. Proponho fazer algumas reflexões sobre os sentidos da integração dos africanos e seus descendentes, que compartilharam a experiência do cativo, no mercado de trabalho em conformação no período e, sobre a nova dinâmica das relações sociais de trabalho a partir da análise dos tipos de ofertas de ocupação anunciadas nos classificados do *Jornal do Commercio*.¹ A questão envolve não somente as estratégias pensadas por este grupo para afastarem-se do legado da escravidão, mas também, as mudanças estruturais que ocorreram na sociedade brasileira em decorrência das novas orientações sociais, econômicas e

* Bolsista do Programa Internacional de Bolsa de Pós-Graduação da Fundação Ford. Graduada em História pela UFRJ. Mestra em História pela UFF. Doutoranda em História na UFBA

¹ Periódico que circulou na cidade do Rio de Janeiro diariamente durante todo o período analisado.

culturais que contribuíram por determinar o lugar social que caberia aos negros no Pós-abolição.

É minha intenção inserir este estudo na trilha dos trabalhos intelectuais que trataram ou vêm tratando da questão da formação da classe trabalhadora brasileira (BATALHA, 1999; BATALHA e SILVA, 2004; CHALHOUB, 2001; GÓES, 1998; GOMES, 2005; LARA, 1998; MATTOS, 2008). Convergindo interesses e perspectivas entre a história da escravidão e do trabalho. Não sem levar em consideração a dinâmica da formação histórica brasileira, destacadamente a verificada no Rio de Janeiro urbano. Atenta aos riscos de se importar modelos de análise, concordo com abordagens que sugerem o reexame do papel de africanos, crioulos, escravos e libertos na formação da classe operária brasileira (GOMES e NEGRO, 2006; pp 217-240).

Os anúncios dos classificados de jornais que circulavam na Corte nas três últimas décadas do século XIX – período que, sobretudo no sudeste brasileiro, verifica-se um movimento de reorientação nas relações sociais e econômicas, decorrente do gradual processo de substituição da mão-de-obra escrava pela livre e da expansão das forças produtivas² - permitem perceber os sentidos da nova dinâmica das relações sociais de trabalho a partir da análise do critério de escolha, do tipo de ofertas de ocupação e do perfil exigido dos trabalhadores (Lobo; 1978; PRADO JR; 1977). Retratando características do mercado de trabalho urbano do Rio de Janeiro, as vagas oferecidas pelos anúncios dos classificados poderiam interessar aos africanos e crioulos escravos, aos do mesmo grupo que conquistaram a posse definitiva de sua liberdade; aos estrangeiros de diversas nacionalidades; e aos nacionais livres negros e não negros.

A possibilidade de utilizar os anúncios dos classificados dos jornais do *Jornal do Commercio*, que circulavam na Corte nas últimas décadas do século XIX, período em que a diversificação da economia sinalizava para novas oportunidades de trabalho, foi pensada e levada a cabo por mim no desenvolvimento da minha dissertação de mestrado (SANTOS; 2006). Interessava-me, na ocasião, a mobilidade social dos que tiveram a experiência do cativo no Rio de Janeiro urbano nas últimas décadas do século XIX. Experiências de africanos e crioulos foram identificadas, e trazidas à tona algumas estratégias por eles utilizadas para ascenderem socialmente. Importavam os diversos momentos em que as

² Fatores como o desenvolvimento da lavoura cafeeira, o restabelecimento de relações diplomáticas com a Inglaterra, a abolição do tráfico de escravos e a modificação da política tarifária brasileira teriam contribuído para um favorável reajustamento econômico e financeiro do país na segunda metade do século XIX.

expectativas e os objetivos de luta deste grupo vinham ao encontro das leis e das políticas públicas pensadas para promover o fim gradativo da escravidão.

Pude concluir que para superar sua condição social, africanos e crioulos aproveitaram todas as brechas abertas pela estrutura escravista carioca. Como escravo, a maioria, tinha por principal meta a conquista da alforria. Para tanto, enfrentaram longas batalhas judiciais, sobretudo após a lei de 28 de setembro de 1871, que concedeu alguns direitos aos cativos (GRINBERG;1994). Passaram privações para encontrar meios de acumular o pecúlio necessário à compra de sua alforria e/ou de seus entes queridos. Percebendo a inclinação de setores da sociedade em favor da extinção gradual da escravidão, reorientaram suas estratégias, redefiniram suas alianças e estreitaram alguns laços de solidariedades a fim de diminuir a distância que os separavam da liberdade.

Um aspecto importante que se procurou ressaltar, diz respeito às condições de vida das classes trabalhadoras cariocas da segunda metade do século XIX. Dividiam espaços em cortiços e casas de cômodos. Possuíam um mínimo de mobília. Residiam, em muitos casos, em áreas insalubres onde os valores cobrados como aluguel podiam ser pagos com seus baixos salários. Tais condições não comprovavam uma suposta inaptidão em atuar nos “mundos dos livres”. Espelhava, antes, o padrão de vida a que eram submetidas as classes trabalhadoras no Rio de Janeiro oitocentista (BOUCINHAS ; 2005). Apesar de diferentes condições, cores e nacionalidades as classes populares compartilharam experiências e, como defende Marcelo Badaró Mattos, formas organizativas e solidariedades coletivas. Daí trabalho colaborar para consolidação de argumentos que defendem a importância das experiências acumuladas por escravos e ex-escravos no processo de formação da classe trabalhadora carioca (MATTOS; 2005).

Obviamente não estou sugerindo a existência de um processo social homogêneo, ou que a convivência entre os agentes sociais que compunham as classes subalternas na sociedade carioca do final do século XIX era harmônica. É justamente para as fraturas entre a heterogênea classe trabalhadora carioca que quero chamar atenção. Argumento que a competição por uma colocação no mercado de trabalho, por um local de moradia e por outras diversas posições sociais podia incorrer nos mais variados conflitos e tensões, responsáveis por lesões que podiam informar o desenvolvimento, ou a consolidação, de sistemas de desigualdade e exclusão ligados a diferenças raciais, de gênero e, obviamente, de classe. É para este sistema de desigualdade e exclusão que quero chamar atenção.

O mercado de trabalho urbano do Rio de Janeiro em fins do Dezenove, de características marcadamente mercantil e com sensível aumento do setor terciário, contava

com a ativa participação da população negra, sobretudo nos setores de transportes, abastecimento e serviços. O aumento no número de libertos, o aumento da imigração e a entrada de brasileiros empobrecidos neste mercado, provavelmente, emaranhou as relações de trabalhos estabelecidas. Não podemos perder de vista que as disputas por uma colocação se davam entre de três categorias diferenciadas de pessoas: os cidadãos, os não cidadãos e os quase cidadãos. Esta relação, já há muito dada, vai recebendo novos contornos de acordo com as novas circunstâncias. Considerando tais complexidades e o tipo de fonte a ser utilizada para pensar os possíveis embates no mercado de trabalho carioca no período, faz-se necessário refletir sobre algumas questões, a saber, como o mercado de trabalho sintomatiza o fim da escravidão? Trabalhadores ostentando qual condição, nacionalidade ou cor eram preteridos ou preferidos? Quais critérios eram utilizados na escolha da mão-de-obra? Que habilidades manuais tinham os trabalhadores que de fato atuaram no mercado urbano carioca? Que novos empreendimentos demandavam novos braços? Que tipos de qualificação eram exigidas?

Não tenho a intenção de esgotar tais questões neste artigo. Tal projeto demandaria uma abordagem mais detalhada e uma análise mais complexa da sociedade urbana do Rio de Janeiro nas três últimas décadas do século XIX.³ O que se pretende por hora é explorar algumas das possibilidades de reflexão que podem ser feitas a partir de uma amostragem dos anúncios de "procura-se" dos classificados do *Jornal do Commercio*. O exame destes anúncios pode levantar algumas hipóteses sobre os sentidos das mudanças de critérios de seleção para ocupar as vagas abertas no mercado urbano carioca no final do século XIX. Analisando os domingos dos meses de janeiro dos anos de 1870, 1875, 1880, 1885, 1890, 1895 e 1900, foi possível construir o quadro abaixo, que ajudará na compreensão de alguns sentidos da conformação do mercado de trabalho na cidade do Rio de Janeiro e na percepção da lógica social utilizada nos critérios de seleção.

³ Projeto que pretendo levar a cabo no desenvolvimento de minha tese de doutoramento.

AMOSTRAGEM DOS ANÚNCIOS DE PROCURA-SE

Mês/Ano	Jan./1870	Jan./1875	Jan./ 1880	Jan./ 1885	Jan./1890	Jan. / 1895	Jan./ 1900
N.ºde anúncios	393	530	427	559	567	807	482
N.ºde anúncios que especificam o tipo de trabalhador	118	182	162	153	116	101	52
Condição escrava	6 (5,1)*	4 (2,2%)	9(5,7%)	2 (1,3%)	-	-	-
Condição livre	13 (11%)	15 (8,25%)	17(10,5%)	12 (7,7%)	-	-	-
Condição livre ou escrava	20 (17%)	15 (8,25%)	8 (5%)	2 (1,3%)	-	-	-
Cor preta	29 (24%)	29 (16%)	25 (15,4%)	15 (10%)	5 (4,2%)	4 (4%)	4 (7,6%)
Cor branca	6 (5,1%)	14 (7,6%)	16 (10%)	26 (17%)	8 (7,1%)	5 (5%)	2 (3,4%)
Cor branca ou preta	6 (5,1%)	22 (12,1%)	12 (7,4%)	17 (11,1%)	6 (5,1%)	7 (7%)	-
Estrangeiro	6 (5,1%)	7 (3,8%)	12 (7,4%)	16 (10,4%)	13 (11,2%)	15 (15%)	8 (15%)
Com profissão	32 (27%)	76 (41,8%)	63 (38,6%)	63 (41,2%)	84 (72,4%)	70 (70%)	38 (74%)

Fonte: anúncios de procura dos classificados do *Jornal do Commercio*; Biblioteca Nacional; RJ.

* Os percentuais têm por base de calculo os anúncios que especifica o tipo de trabalhador.

Dos 3.765 anúncios analisados, 393 são referentes aos domingos do mês de janeiro de 1870. Neste período, a grande maioria - representando 70% do total - não especificava a condição e nem mesmo trazia exigência de cor. Os "procurados" eram homens e mulheres sem qualificação para ocupar postos de domésticos, cozinheiros, caixeiros, criados, vendedores de quitanda, copeiros, padeiros, lavadeiras, engomadeiras e outras funções cuja principal exigência era a boa conduta. Para preencher estas vagas, os candidatos deveriam ser perfeitos nos afazeres, desembaraçados, fiéis, inteligentes e honestos. Apenas 30% dos anúncios faziam referências a critérios como cor, condição jurídica, habilidade ou nacionalidade.

Em relação aos anúncios que exigiam qualificação, que no ano de 1870 representavam 30% do total, o principal critério para ser selecionado era a proficiência.⁴ Neste ano, dos anúncios com especificação, 5,1% trazia a resolução do empregador de preencher a vaga sem

⁴ É o caso do anuncio do dia 02/01/1870, que trazia o seguinte enunciado: "Precisa-se de uma costureira que corte por figurino e que seja desembaraçada e perfeita em seus trabalhos; não se faz questão de cor ou condição, quem estiver nas circunstancias de preencher o lugar dirija-se à Praia de Botafogo n. 18".

levar em conta a cor do indivíduo, 17% ignoraria a sua condição, 13% dos empregadores demandavam trabalhadores de condição livre, 5,1% de cor branca e 5,1% de outras nacionalidades. Refletindo a estrutura social de uma cidade negra e escravista, a maioria dos anunciantes, 24,6%, declarava preferir trabalhadores pretos. Do que se pode inferir que o mercado de trabalho da cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1870, era acessível a qualquer um que estivesse "nas circunstâncias" de preencher as exigências do empregador.

Transformações sinalizando os novos sentidos da conformação do mercado de trabalho na Corte começam a ser observadas no ano de 1875. Destacadamente no aumento da procura por mão de obra especializada. Entre os anunciantes do *Jornal do Commercio* nos domingos de janeiro do ano de 1875, 41,8% procuravam por pessoas com ofício, contra menos de 27% do período anterior.⁵ Tendência observada nos períodos subsequentes. O aumento da demanda por mão-de-obra especializada refletia a diversificação e a expansão das forças econômicas.

Apesar da heterogeneidade do mercado de trabalho carioca, a condição do trabalhador, sua nacionalidade e mesmo a sua cor eram critérios definidores no momento da seleção para ocupar uma vaga. Os critérios vão mudando no tempo. Refletindo a imprecisão quanto à questão da escravidão, em todos os períodos analisados, durante a vigência formal da escravidão, o número de anúncios à procura por trabalhadores livres supera os que procuram por indivíduos cativos, demonstrando assim a imprevisibilidade dos contratantes quanto ao fim do sistema. Quanto à cor do trabalhador, ela embranquece ao longo do tempo. De 1870 até o ano de 1885, último período analisado antes do fim formal da escravidão, em média 35% dos anúncios faz referência à cor do procurado. Sendo que os pretos perfazem 24,6% dos preferidos em 1870 e, em 1885 têm somente 10% das preferências. Sentido inversamente proporcional aos anúncios à procura por indivíduo de cor branca, que é procurado por 17% dos anunciantes em 1885 e, em 1870, somente 5% dos trabalhadores brancos gozavam da preferência declarada.

A naturalidade passa a integrar, definitivamente, os critérios de seleção a partir de 1880, com destaque para os anúncios à procura por "criadas brancas, nacionais ou estrangeiras", que surgem como novidade nos classificados. Chamam atenção, também, os

⁵ A grande maioria se tratava de profissionais ligados à indústria têxtil [21 costureiras, 14 alfaiates e 3 oficiais de calça] e ao comércio de panificação [9 trabalhadores de masseira e 7 forneiros]. Outros profissionais, como oficial litógrafo, torrador de café, carroceiro, ferreiro, carpinteiro, limador, funileiro, barbeiro, ferreiro mecânico, sapateiro e, até mesmo, professora estão entre a mão-de-obra qualificada procurada.

anúncios à procura por "pequenos dos recém chegados".⁶ Os pequenos imigrantes preludiam o movimento imigratório que está por vir.

Um mecanismo de controle já muito utilizado aparece com mais frequência entre os requisitos de seleção da mão-de-obra: a fiança. Aumenta o número de anúncios que exige fiança da conduta. Vestígios que indicam a adoção de novos paradigmas que regulamentarão as relações sociais de trabalho livre no Pós-abolição, também podem ser observados nas novas designações adotadas pelos anunciantes no ano de 1890. O termo "criado",⁷ que de acordo com Olívia Maria Gomes da Cunha, encobria as mais diversas modalidades e relações de trabalho (CUNHA e GOMES; 2007), começa a intercalar-se com outros tais como "moço", "empregado", "homem", "trabalhador". Nos anúncios à procura de "pequenos", "negrinhos" e "moleques", estes termos começam a ser substituídos por "mocinhos", "meninos" e "copeirinhos". Uma categoria que precisa ter analisada a sua função social, começa ganhar espaço em substituição à ama de leite, é a ama seca. Pelo menos 14 anúncios, em janeiro de 1890, procuravam por essas babás que não amamentavam (MAGALHÃES e GIACOMINE; 2001).

A formação de um mercado de trabalho nos moldes de uma economia capitalista tem seus traçados bem delineados no decênio seguinte, primeiros anos da república brasileira. A subjetividade, principal característica presente nas relações sociais de trabalho até então, começa dar lugar a relações mais impessoais, ainda que permeadas por dissimulações (ALBUQUERQUE; 2009). Desta feita, os procurados são empregados, ajudantes, trabalhadores e serventes. Trabalhadores que receberão ordenados, podendo receber até mesmo ajuda para transporte ou ganha por produção. Em alguns casos exigem-se "referências" para estes trabalhadores, que devem ser "peritos" em suas atividades.⁸

As vagas a serem preenchidas, além de atender às conhecidas demandas em confecções e comércio em geral, destacadamente nos de panificação, são também, sobretudo nos últimos anos do século XIX, direcionadas às oficinas que dependem da qualificação e

⁶ Como por exemplo, o anúncio do dia 03/01/1875 que trazia o seguinte texto: "Precisa-se de um pequeno para caixeiro de armarinho, na Rua do Senhor dos Passos n. 132; prefere-se dos últimos vindos de fora e que seja apresentado pela pessoa de quem é recomendado".

⁷ É importante destacar que termos como "serviçais" e "criados" podiam encobrir atividades diversas, como por exemplo: cocheiros, ferreiros, costureiras, carregadores de água e atendentes de estalagens.

⁸ Estes anúncios não predominam entre os verificados, no entanto, sinalizam para uma nova pedagogia no mercado de trabalho no Rio de Janeiro republicano. Anúncios duros como, por exemplos, "*Precisa-se de um oficial de lustrador para lustrar*", "*Precisa-se de trabalhadores na rua D. Manuel, n. cinco*," ou "*Precisa-se de um limador e bombeiro, um ajudante prático para fundição de metais, se paga bons ordenados; na rua da saúde n. 158*", começam a serem frequentes. Anúncios do dias 06/01/1895.

perícia de seus trabalhadores.⁹ Nas amostras dos anos de 1890 e 1895, respectivamente, 72,4% e 70% dos anúncios, que especificavam o tipo de trabalhador procurado, exigiam mais que a proficiência. São anúncios dirigidos a homens e mulheres que tenham ofícios ou estejam aptos para atuar no mercado de trabalho carioca. Mercado este que, apesar do exposto sobre a necessidade de especialização, redefinia seus contornos com características marcadamente mercantis (VITORINO; 2002).

A expansão do setor terciário e o crescimento da burocracia estatal favoreceram ao trabalhador com uma habilidade específica: a alfabetização. No entanto, é de suma importância destacar que, apesar do governo imperial considerar a educação e a instrução vias possíveis para a reorganização das relações de trabalho e de controle social (SCHELER; 1999), nas décadas finais do período imperial as classes populares careciam de educação formal, sobretudo os que possuíam a experiência recente do cativo. Ficam assim aliçados das oportunidades econômicas advindas da modernização da economia urbana carioca que demandavam este perfil de trabalhador.

Ao iniciar a leitura de um anúncio à procura de “uma senhora livre” em janeiro de 1900, intrigou-me a exigência explicitada após o fim da escravidão formal. O término da leitura do enunciado foi o suficiente para oferecer os devidos esclarecimentos: “*sem compromisso, para tomar conta de casa de homem só; carta no escritório desta folha*”.¹⁰ Pude constatar que a liberdade aqui referida é outra. No entanto, outras questões surgem da leitura deste anúncio: estarem os africanos e seus descendentes definitivamente “livres” abria que portas para o mercado de trabalho? Seria possível uma ex-escrava por força da lei, desprovida de laços familiares e afetivos em virtude da dinâmica das relações sociais da escravidão, pleitear encontrar oportunidade de trabalho junto a este empregador? Os ex-escravos que habitavam a antiga capital do império tiveram que tipo de oportunidade de negar as heranças do cativo e serem alocados no mercado de trabalho republicano? Até que ponto as novas designações construídas e pensadas para denominar os membros do mercado capitalista de mão-de-obra se estendiam aos africanos e crioulos com estreita ligação ao passado escravista? Ou funcionavam justamente como forma de os excluírem da vida econômica republicana?

⁹ São procuradas pessoas que exerçam as funções mais especializadas, como por exemplo, ferreiro, mecânico, funileiro, torneiro, fundidor, lustrador, pedreiro, encanador, pintores, marceneiros soldador, vidraceiro. Somam-se as várias confecções existentes na cidade, oficinas que produzem chinelos, tijolos; fabricas de cerveja e de charutos e outras que não me foram possível definir o produto final.

¹⁰ Anúncio do dia 14/01/1900.

Tais questões carecem ainda de enfrentamento. No caso do Brasil, pensando o processo histórico que modelou suas estruturas sociais, estas pautas de debate podem contribuir para aumentar a visibilidade não só de processos iniciais da formação da classe operária brasileira, mas também, do problema da desigualdade de oportunidades com a qual se defrontaram (e se defrontam) os herdeiros do passado escravista. Defendo que a desnaturalização destas relações sociais depende de uma atenta observação do contexto social que as produziu.

É fato que a partir das últimas décadas dos Oitocentos, quando a expansão econômica dá sinais mais claros e novas indústrias começam a ser instaladas, o mercado de trabalho passa a se mostrar mais competitivo. No que se refere ao ingresso no mercado de trabalho assalariado, para crioulos e africanos ocupar as novas vagas abertas dependeria não somente da (im) possível qualificação, uma vez que não há ofertas de profissionalização das classes trabalhadoras, mas, sobretudo, da opção feita pelo empregador quanto ao tipo racial que ele pretende privilegiar. Desconfio que esta opção ligava-se, intrinsecamente, ao modelo de sociedade que as classes dominantes tinham como projeto para a nação brasileira e aos novos sentidos dados as relações sociais que recebiam influência do racismo científico que, de acordo com Renato da Silveira, teria ajudado a implantar certos fundamentos culturais baseados na inferioridade racial (SILVEIRA, 2000).

No entanto, concordo com Sidney Chalhoub quando afirma que tais ideologias não têm vida própria. Daí a necessidade de se entender sua dinâmica, de modo a dar visibilidade aos seus efeitos diretos no cotidiano das classes trabalhadoras carioca, destacadamente da parcela da sociedade afetada pela sua difusão. Para Sidney Chalhoub, as ideologias raciais não devem ser pensadas pelos historiadores como "coisa que tem vida própria". Defende este estudioso das relações sociais escravistas, que é nas relações sociais que ganham forma e se expressam (CHALHOUB; 1988, pp 100 e 101; 1995 e 1996). Daí a necessidade de aguçar os sentidos para perceber até que ponto as transformações nas relações sociais de trabalho refletiram as novas políticas de controle com base em critérios raciais e na difusão da ideologia do embranquecimento, também em voga na cidade do Rio de Janeiro na virada do século XX. Afastando um pouco mais da superfície, interessa também observar se diferenças no interior da classe trabalhadora do Rio de Janeiro, que hegemonizava classes específicas, podem ser dimensionadas a partir de uma nova noção racial.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo de dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras. 2009.
- BATALHA, Cláudio de Moraes. *Sociedade de Trabalhadores no Rio de Janeiro no século XIX – Algumas reflexões em torno da formação da classe operária*, Cadernos do AEL, n. 10-11 Campinas – Unicamp.
- BATALHA, Cláudio; SILVA, Fernando Teixeira da e Fortes, Alexandre (orgs.). *Cultura de Classes – Identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora Unicamp, 2004.
- BOUCINHAS, André Dutra. *Consumo e comportamento no Rio de Janeiro na Segunda Metade do século XIX*. Dissertação UFF/2005
- CHALHOUB, Sidney. *Medo branco de almas negras: escravos, libertos e republicanos na cidade do Rio de Janeiro*. Revista brasileira de História. São Paulo, v.8, nº. 16, mar./ago.; p. 83-105. 1988.
- _____. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.
- _____. *Febre amarela e ideologia racial no Rio de Janeiro do século XIX*. Estudos Afro-Asiáticos. 27:87. 1995.
- _____. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *A enxada e o guarda-chuva: a luta pela libertação dos escravos e a formação da classe trabalhadora no Brasil*. (manuscrito). Palestra apresentada no XXI Simpósio da Anpuh. Niterói, jul.2001.
- CUNHA, Olívia Maria Gomes e GOMES, Flávio dos Santos, (Orgs.) *Quase-cidadãos: história e antropologia da pós-emancipação no Brasil*; Editora FGV, 2007
- GÓES, Maria da Conceição Pinto de. *A formação da classe trabalhadora: Movimento anarquista no Rio de Janeiro, 1888- 1911*. Rio de Janeiro: Zahar e Fundação José Bonifácio,1988.
- GOMES, Ângela Maria de Castro. *A invenção do Trabalho*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.
- Gomes, Flávio & Antonio Luigi Negro. *Além de senzalas e fábricas. Uma história social do trabalho*, Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n. 1, 2006, pp. 217-240.
- GRINBERG, Keila. *A Liberata – a lei da ambigüidade: as ações de liberdade da Corte de Apelação do Rio de Janeiro no século XIX*. Ed. Rio de Janeiro: RelumeDumará. 1994.
- LARA, Sílvia Hunold. *Escravidão, cidadania e história do trabalho no Brasil*, Projeto História, n. 16, São Paulo, 1998, pp. 25-38.
- LOBO.M. Lahmeyer Eulália. *História do Rio de Janeiro. Do capital comercial ao capital industrial e financeiro*. Rio de Janeiro: IBMEC, 1978
- MAGALHÃES e GIACOMINI, 1983; pp. 73-88. In: BARROSO, C.; COSTA, A. O; e RIBEIRO CARNEIRO, 2001. In: *Em Tempo de Histórias*, nº 05, ano 5.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores escravos e livres no Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX*. Comunicação da I Jornada Nacional da História do Trabalho.2005.
- MATTOS, Marcelo Badaró. *Escravidão e livres experiências comuns na formação da classe operária trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.
- PRADO JR, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo. Brasiliense. 30. Ed. 1977.
- SILVEIRA, Renato da. Os selvagens e a massa: papel do racismo científico na montagem da hegemonia ocidental. *Afro-Ásia*, 23, 2000; pp 89-145.
- SANTOS, Lucimar Felisberto dos. *Cor, Identidade e Mobilidade Social: africanos e libertos no Rio de Janeiro. 1870 – 1888*. Dissertação defendida no Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro; 2006.
- SCHUELER, Alessandra F. Martinez. *Crianças e Escola na Passagem do Império para República*. Revista Brasileira de História; Vol. 19 – número 37. Associação Brasileira de História, São Paulo, Brasil; 1999
- VITORINO, Artur José Renda. *Cercamento a brasileira : conformação do mercado de trabalho livre na corte das décadas de 1850 a 1880*. 2002; Dissertação de mestrado; Unicamp.